

GESTORES APOSTAM EM ATIVOS LIGADOS À ECONOMIA REAL

Investimentos em florestas, loteamentos, real estate e private equity estão entre as alternativas

Danylo Martins

25/04/2019 - 08:00



Michael Van Dijk Gagliardi, da G5 Partners. Há cinco anos, ela prioriza opções de investimentos alternativos.
Foto: Leo Pinheiro / Valor

Com o cenário de juro baixo e sinais de recuperação econômica, gestoras de patrimônio e boutiques de investimento começam a recomendar ativos ligados à economia real. São aplicações com maior potencial de retorno, liquidez menor e risco mais elevado. Entre as alternativas estão investimentos em florestas, loteamentos, real estate, private equity, além de opções menos comuns, como investimento em royalties musicais.

Os investidores estão mais dispostos a abrir mão de liquidez em troca de uma expectativa de retorno maior com ativos não ligados a mercados tradicionais, como renda fixa e ações, observa Dennis Kac, sócio e CIO Brasil da Brainvest, boutique de investimentos criada em 2003 por ex-sócios da Hedging-Griffo, em Genebra, na Suíça. Com R\$ 6 bilhões em ativos sob gestão, a casa ampliou nos últimos anos a indicação de investimentos alternativos aos clientes.

Segundo Kac, o fundo investe em ativos com lastro na economia real, com retornos em dólar que variam entre 12% e 15% ao ano. Entre as estruturas montadas estão um leasing de turbinas do modelo Boeing 777 para a Air France e uma carteira de royalties musicais com 100 mil títulos. “A maioria dos investidores que tem perfil para esses ativos já entende que é um diferencial ter investimentos alternativos, abrindo mão de parte da liquidez do portfólio”, disse o executivo.

Há oito anos, a TAG Investimentos tem costurado parcerias com gestores de private equity. De lá pra cá, montou uma estrutura de fundo de fundos e escolheu um gestor especializado que fica a cargo da seleção dos fundos que receberão os investimentos. “Estamos num ciclo de recuperação”, apontou Thiago de Castro, CEO da TAG Investimentos, casa com R\$ 6,5 bilhões em ativos sob gestão.

O executivo citou uma situação cada vez mais comum: empresas brasileiras desfazendo-se de ativos para fortalecer a operação, o que traz boas oportunidades de ganho aos investidores com garantia real (imóveis, por exemplo). Em novembro do ano passado, a TAG concluiu uma operação para adquirir parte de um parque logístico no Nordeste. Na ocasião, para honrar os financiamentos assumidos, a empresa precisou se desfazer de alguns ativos. “Com a compra, tivemos uma taxa anual de retorno perto de 12%”, disse Castro.

Há pelo menos cinco anos, a G5 Partners — que gere pouco mais de R\$ 10 bilhões de cerca de 120 grupos econômicos — observa as opções de investimentos alternativos, segundo Michael Van Dijk Gagliardi, sócio da área de gestão de patrimônio da boutique de investimentos. Entre as opções, ele cita a emissão de uma debênture de uma loteadora que envolvia uma análise complexa de garantias. “Conseguimos um produto com baixo risco de crédito, liquidez reduzida e rentabilidade de IPCA + 12% com prazo de cinco anos”, afirmou Gagliardi.

A Azimut Brasil Wealth Management tem sentido uma procura maior por investimentos pouco comuns. “Estamos no processo de finalização de análise de dois fundos de venture capital no Brasil”, contou o CEO Antonio Costa. A partir de uma demanda de um cliente, a gestora — que tem R\$ 7,3 bilhões em ativos sob gestão — também começou a avaliar um fundo de private equity.